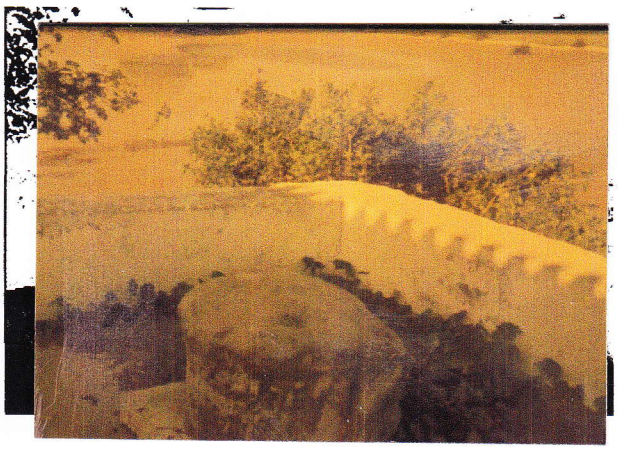
Brasil

Lula pede perdão aos negros

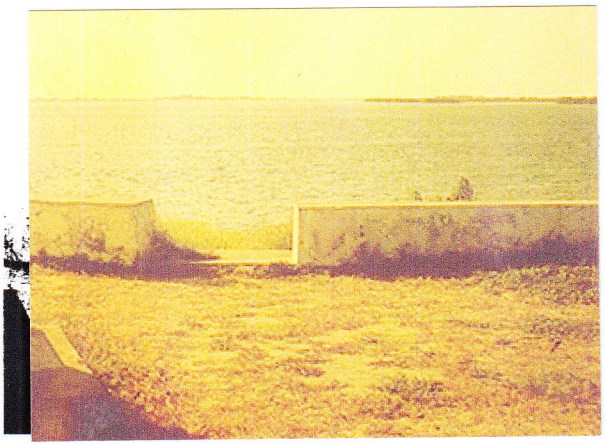
Na ocasião de sua viagem à África no mês de abril, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva acompanhado pela a ministra especial de Política de Promoção da Igualdade Racial, Matilde Ribeiro, e a ex-ministra Benedita da Silva, descendente de escravos provindo de Senegal, visitou também a Ilha Gorée no Senegal, que durante 350 anos foi utilizada para concentrar, guardar e selecionar escravos africanos. Naquela »feitoria« as »peças« antes de serem enviados foram confinados, a fim de que no além-mar serem utilizadas como mão de obra barata nos grandes canaverais.

Foi na região de Luanda, Angola, onde foram por mim tomadas as fotos que acompanham este texto, no »Museu da Escravadura«, que no passado escravista foi uma capela, onde os escravos, antes de »embarcar« passaram exatamente pelas mesmas proceduras como a »mercadoria« lá na Ilha Gorée, onde os ilustres visitantes brasileiros chegaram a sofrer aquele choque de comiseração e de pena.

Tinha as repartições e os quartos, tinha celas minúsculas onde ficavam os escravos que eram vendidos em função do peso que tinham. Tinha o batismal colocado no páteo da capela, onde sem exeções se batizava cada »peça«, já que a coroa portuguesa não permitiu o ingresso de pagaos na colónia. Depois de serem cristianizados em série, os escravos passaram por uma pedra onde se registrou o nome de »cristão« que-lhes fora aplicado no batismo. E tinha aquela »porta do nunca mais«, pela qual sairam estas pobres criaturas degradados à números ou nomes estrangeiros e desconhecidos, como »Luis«, »Pedro«, »Manoel« ou »Antonia«, »Josepha«, »Severina«, em vez de »Saki«, »Madoda«, »Tengela« ou »Nomsa«, »Aida«, »Thanisile«, que eram seus nomes originais. »Sabe Deus quantos milhões saíram por esta porta«, afirmou Lula, apontando para a porta do embarque. »É como se fosse a própria morte. Ou seja, eu vou sem saber, ou melhor, tenho consciência de que não tenho retorno.«



Foi justo, que o presidente lembrou que os africanos »ajudaram a construir o Brasil«. Foi justo, porque demorou décadas e até séculos, até que o povo brasileiro começou a reconhecer não apenas a contribuição dos africanos, mas a considerar os negros como iguais. É bom que tenha a »lei Afonso Arinos«, que criminaliza o racismo, mas o preconceito ainda não desapareceu, ainda existe, embora de maneira oculta e sofisticada. Continuam residuos da ideologia herdada da época colonial acerca do »defeito de sangue«, originalmente atribuido aos judeus, depois adotado à



mihões de brasileiros de descendência africana. Existe este racismo que levou à Da. Benedita da Silva de confessar, que as vezes desejava de ser um homem e uma pessoa branca, ou, como me escrevia um dia uma estudante carioca de pele escura: »Foi o maior erro de minha vida, que nascí pobre, mulher, negra, e ainda no Brasil.«

Tanto mais justo, considero eu, a punição do jogador de futebal argentino Desabato pela justiça brasileira por crime da agressão verbal contra o jogador brasileiro Grafite, a quem ele tratou de »negro de mierda.« O racista dormiu na prisão, sem qualquer »arreglo« ou »jeitinho.« Isso deveria servir como um aviso para qualquer um. O que se passou no Brasil, enquanto o presidente Lula andava na África, pedindo perdão aos negros pelo trato cruel pelos colonizadores, era consequente.

Heinz F. Dressel